

## PRÓLOGO

# A Última Vítima

*Abre a terra, arde o inferno, rugem diabos, rezam os santos.*

— RICARDO III, ATO IV, CENA 4

Num entardecer de domingo, corria o mês de setembro do ano de 1761, um velho sacerdote italiano subiu os degraus de uma grande plataforma de madeira que pouco antes se erguera na Praça do Rossio, em Lisboa, e sobre a qual um garrote lhe seria cerimoniosamente cingido em torno do pescoço. Para o padre Gabriel Malagrida, missionário jesuíta de setenta e dois anos e ex-conselheiro régio, este foi o culminar — infeliz — de um dia inusitadamente longo. As cerimónias tinham começado às sete da manhã, altura em que Malagrida, vestido com a sotaina preta de lã da sua Ordem, fora arrancado da cela e levado para o que restava dos claustros do vizinho Convento de São Domingos.<sup>1</sup> Então — na presença do rei, dos seus ministros e de toda a corte —, foi declarado herege e traidor, destituído do cargo religioso e, de acordo com a macabra tradição inquisitorial, constrangido a envergar uma espécie de mitra de papelão e uma longa túnica de linho cinzenta decorada com figurações do demónio e línguas de fogo brilhantes. De mãos atadas atrás das costas e mordança na boca, iniciou a sua derradeira viagem pelas ruas da capital, acompanhado por dois monges beneditinos, dois padrinhos e mais de cinquenta outros condenados do regime.<sup>2</sup>

Não era esta a primeira vez que Malagrida enfrentava a execução. Anos antes, nas florestas escaldantes do Maranhão, junto ao rio Ita-

pecuru, no nordeste brasileiro, fora capturado, juntamente com um grupo de neófitos índios, pela temível tribo guarani, e, como único sobrevivente, aprisionado e condenado à morte. Amarrado a uma árvore, pouco mais podia fazer do que rezar enquanto o seu carrasco, nu, aos gritos, avançava sobre ele brandindo uma maça de combate. Na iminência do golpe fatal, uma velha mulher guarani interveio e deteve a mão do guerreiro. “Não ouse matar o enviado do Grande Espírito”, terá ela exclamado. “A sua morte ser-te-ia funesta. Eu conheci aquele que matou, há anos, o primeiro *roupeta negra* que aqui veio; vi-o morrer de horrível morte, comido de bichos, traspasado dos maiores sofrimentos.”<sup>3</sup> Foi assim que Malagrida viu negada a sua primeira oportunidade de martírio. Impelido pelo matagal adentro até às margens do rio Itapecuru, foi atirado para uma canoa e deixado à deriva naquela corrente lamacenta e traiçoeira. Só o encontro fortuito com um menino indígena, também ele sobrevivente do massacre, lhe permitiu, no termo de três árduos dias, alcançar a aldeia dos seus aliados índios.<sup>4</sup>

Infelizmente, nenhum indulto parecia doravante possível, dado que Portugal se tornara mais perigoso para Malagrida do que jamais o fora toda a cerrada e escura floresta do Maranhão. O Velho Mundo, tal como o conhecera, havia-se transformado. Onze anos antes, ele, um modesto padre descalço vindo do interior do Brasil, entrava triunfalmente em Lisboa. Aclamado como “santo vivo” pela lendária atividade missionária que empreendera junto dos *selvagens* (bem como pelos muitos milagres que pretensamente obrara), fora recebido de joelhos no magnífico Paço da Ribeira por Sua Majestade Fidelíssima, o então decrépito e semiparalisado rei D. João V. “Não me chame rei”, implorara deslumbrado o monarca ao seu famoso visitante. “Chame-me pecador.”<sup>5</sup>

Em breve, Malagrida passaria a desfrutar o brilho da sua celebridade espiritual. Para onde quer que fosse, vastas multidões o seguiam, disputando a honra de lhe beijar a mão ou de assistir a algum dos inflamados sermões que improvisava. Na corte, tornara-se um elemento incontornável, passando a dirigir a rainha e as suas damas de companhia nos exercícios espirituais diários, e a representar, para o moribundo rei, uma oportunidade de redenção de uma vida marcada pelas mais gravosas transgressões sexuais. “Diga-me, padre”, suplicou, “o que devo fazer para aplacar a minha consciência?”<sup>6</sup> Para alcançar semelhante fim, deveria anuir a todos os pedidos de Malagrida

no que respeitasse à construção de escolas, seminários, conventos e recolhimentos nas distantes terras brasileiras.<sup>7</sup> Chegaria mesmo a ordenar a confecção de um valioso vestido incrustado de pedras preciosas e recamado a ouro para a *mui* venerada imagem de Nossa Senhora das Missões, de que Malagrida se fizera acompanhar nas suas viagens e que, na hora derradeira, havia de assumir lugar destacado entre as relíquias do oratório da cabeceira régia. Mas nem o padre nem a Virgem lograriam, afinal, dirimir os efeitos do tempo e da doença. “Feliz aquele nosso fidelíssimo Filho”, observou o papa Bento XIV ao tomar conhecimento da morte do velho pecador, “que teve Malagrida por director e que em seus braços expirou!”<sup>8</sup>

Menos de um ano após a morte de D. João V, em julho de 1750, Malagrida voltou para o Brasil, mas não sem antes prometer à rainha-mãe, D. Maria Ana de Áustria, que regressaria de imediato caso a saúde desta piorasse. Três anos mais tarde, assim o fez — apesar de alguns cortesãos, enciumados, se terem conluiado a fim de lhe vedar o acesso aos aposentos. Mas a ligação entre o religioso e os Braganças era profunda. A 14 de agosto de 1754, enquanto decorriam as orações matinais na Igreja de Santa Maria de Setúbal, anunciou perante uma assombrada assembleia que, no meio de um acesso de soluços, a rainha-mãe “acabava de entregar o Espírito a Deus!”<sup>9</sup>. A partir do momento em que alguns dos presentes constataram (e em que tantos mais acreditaram) que tais palavras haviam sido proferidas na altura exata em que Sua Alteza no mesmo dia expirara na capital, a já grande reputação de Malagrida disparou. Deixou de ser apenas um padre grandemente afamado nas colónias para se converter numa espécie de herói religioso supranacional, a personificação daquela amálgama centenária de misticismo e religiosidade teatral que ganhara renovado fôlego no decurso das recentes convulsões contrarreformistas. Acolhido pelos novéis monarcas, D. José I e D. Mariana Vitória, pela maior parte da velha aristocracia e pela grande massa da gente comum — bem como por muitos admiradores em toda a Europa e no Novo Mundo —, Malagrida alcançou, nos finais de 1754, o auge do seu prestígio e poder.

Foi então que, subitamente, na manhã fresca e clara do Dia de Todos os Santos (1 de novembro) do ano de 1755, ocorreu algo que haveria de alterar não apenas o curso e a trajetória de vida de Malagrida, como os do império português. Começou como um ligeiro tremor, seguido de um troar monótono e persistente, que muitos lis-

boetas inicialmente confundiram com o estrépito de uma carroça — ou conjunto de carroças — galgando desconchavadamente as calçadas da cidade. Porém, à medida que os segundos passavam e que o som e a intensidade do tremor aumentavam, tornou-se evidente que não se tratava de um fenómeno humano, mas de um terrível terramoto que, ao cabo de alguns minutos — e de duas réplicas —, deixaria de rastos uma das maiores cidades da Europa.

A sua origem (ou hipocentro) não se localizava sob a cidade, mas a várias centenas de quilómetros ao largo da costa sudoeste do reino, ao longo de uma das muitas falhas que irradiam a partir do centro de separação das placas continentais da Eurásia e de África.\* Um segmento da falha, com uma extensão de 150 a 600 quilómetros, sobre-elevado cerca de 10 metros em relação ao fundo do mar, libertou uma energia impressionante: o equivalente a 475 megatoneladas de TNT ou a 32 mil bombas de Hiroxima. Foi pelo menos três vezes mais potente do que a erupção vulcânica do Krakatoa e mil vezes mais poderoso do que o terramoto que assolou o Haiti em 2010. Tendo atingido, segundo os sismógrafos, o valor de pelo menos 8,5 — ou mesmo mais de 9,1 — na escala de magnitude de momento ( $M_w$ ), foi um dos mais intensos sismos da História da Humanidade, o maior alguma vez registado no oceano Atlântico e o mais forte a atingir o continente europeu.<sup>10</sup>

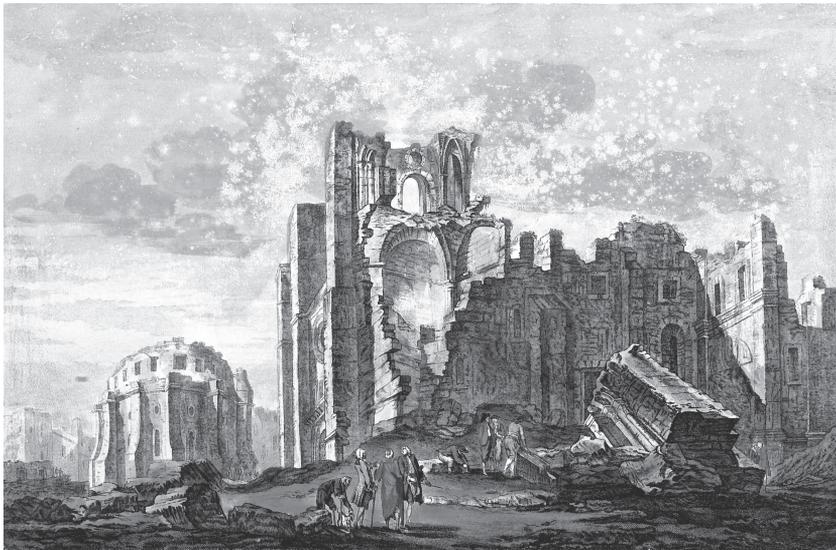
E foi também um dos mais mortíferos. Com início às 9:45, durante a missa da manhã, converteu os templos de Lisboa em armadilhas mortais, fazendo desabar as suas coberturas abobadadas sobre milhares de fiéis aterrorizados. Aqueles que não ficaram imediatamente sepultados em suas casas ou soterrados pelos escombros dos edifícios que ruíam arrastavam-se, desesperados, tentando escapar ao caos e à confusão. “Quase que não podia dar um passo sem pisar um morto ou um moribundo”, recordou um sobrevivente. “Nalguns sítios jaziam coches com os seus donos, cavalos e cavaleiros praticamente desfeitos [...] mães com os filhos nos braços [...] damas, ricamente vestidas. [...] Uns tinham as costas ou coxas partidas; outros, enormes pedras em cima do peito.”<sup>11</sup> É possível que dez mil almas tenham perecido naquela primeira hora fatal.

Mas os horrores do dia não haviam cessado ainda. Dos que tinham fugido para a margem do rio em busca de abrigo, muitos foram arras-

\* O hipocentro (ou *focus*) refere o ponto em que um terramoto acontece, enquanto o *epicentro* refere o ponto na superfície da terra ou do mar diretamente sobre o *hipocentro*.

tados pelo imenso maremoto que o sismo produzira, e cujas ondas gigantes, de uma altura de dez a quinze metros, haveriam de assolar as costas sul e oeste do reino antes de entrar no Tejo e de atingir a zona ribeirinha de Lisboa, em grande parte desprotegida. “A água atingiu uma altura tal”, relatou um capitão de navio, “que galgou e inundou a parte baixa da cidade”, e tanto aterrorizou “os miseráveis e já resignados habitantes”, que estes acreditaram que “o fim do mundo estava próximo”<sup>12</sup>. Fenómeno invulgar no contexto atlântico, o grande maremoto haveria de fustigar praias e afundar navios, demolir cais, diques e edifícios costeiros, e derrubar um cais de mármore recém-construído na margem do Tejo. Haveria ainda de afogar milhares de pessoas, arrastando muitas vítimas infelizes vários quilómetros mar adentro.<sup>13</sup> Terminado o dia, reivindicaria fatalidades em quatro continentes.

Mas nenhum momento do cataclismo se revelou tão cruel quanto o seu terceiro e último ato: um tremendo e aparentemente insaciável incêndio, que quase imediatamente após o primeiro tremor deflagrou em centenas de zonas da cidade e que ardeu descontroladamente durante semanas. Uma das mais destruidoras conflagrações da História da Europa, arrasou as sedes das principais instituições políticas, religiosas e económicas de Lisboa, assolando igrejas opulentas, palácios,



As ruínas da Sé de Lisboa (Igreja de Santa Maria Maior).